QUEM PODE FALAR?[1]

Falando do centro, descolonizando o conhecimento

Capítulo do livro **Memórias da plantação** – Episódios de racismo cotidiano (*Plantitation memories – Episodes of everyday racism*), de Grada Kilomba.

I. CONCEITOS FUNDAMENTAIS DO LIVRO

Sujeito: categoria que indica quem "têm o direito de definir suas próprias realidades, estabelecer suas próprias identidades, de nomear suas histórias" (hooks apud KILOMBA, 2019, p. 28).

Objeto: categoria que indica quem tem sua realidade, identidade e história definidas por outros (pelos sujeitos brancos), de modo a ser essencial, para a sua existência, a sua relação com aqueles que são sujeitos (KILOMBA, 2019, p. 28); trata-se, portanto, de sua categoria secundário (o sujeito negro).

Sujeito branco: sujeito cindido em duas partes, expresso na realidade externa em parte "boa" (ser acolhedor, benevolente) e parte "má" (rejeitada, malévola).

Sujeito negro: constituído dentro do projeto do racismo, representa o que o sujeito branco se nega a reconhecer em si mesmo, razão pela qual reprime (em si; o outro).

"O sujeito negro torna-se então tela de projeção daquilo que o sujeito branco teme reconhecer sobre si mesmo (...). No mundo conceitual branco, o sujeito negro é identificado como o objeto 'ruim', incorporando os aspectos que a sociedade branca tem reprimido e transformado em tabu, isto é, agressividade e sexualidade. Por conseguinte, acabamos por coincidir com a ameaça, o perigo, o violento, o excitante e também o sujo, mas desejável – permitindo à branquitude olhar para si como moralmente ideal, decente, civilizada e majestosamente generosa, em controle total e livre da inquietude que sua história causa" (KILOMBA, 2019, p. 37).

[1] Roteiro de apresentação preparado por Fabrizio Uechi (estágio PAE/CAPES/USP), para a disciplina Introdução aos Estudos Literários II (2019), ministrada pelo Prof. Dr. Marcos Piason Natali.

“(...) não é com o sujeito negro que estamos lidando, mas com as fantasias brancas sobre o que a negritude deveria ser. Fantasias que não nos representam, mas, sim, o imaginário branco. Tais fantasias são os aspectos negados do eu branco reprojetados em nós, como se fossem retratos autoritários e objetivos de nós mesmas/os” (KILOMBA, 2019, p. 38).

> “[Baby Suggs] Não existe má sorte no mundo sem gente branca” (MORRISON, 2018, p. 127). “que não havia má sorte no mundo, mas sim gentebranca. ‘Eles não sabem quando parar’” (MORRISON, 2018, p. 146).

> “(...) pessoas brancas se sentem psicologicamente motivadas a proferirem injúrias raciais contra negros: representações culturais que sustentam seus privilégios constroem pessoas negras como o oposto das qualidades positivas associadas às pessoas brancas. (...) a branquitude está associada à violência porque ela motiva membros do grupo racial dominante a propagarem estereótipos que reproduzem a ideia de uma inferioridade essencial de pessoas negras” (MOREIRA, 2019, pp. 56 e 57).

“Que alienação, ser-se forçada/o a identificar-se com os heróis, que aparecem como brancos, e rejeitar os inimigos, que aparecem como negros” (KILOMBA, 2019, p. 39).

Ouvir: “O ato de falar é como uma negociação entre quem fala e quem escuta, isto é, entre falantes e suas/seus interlocutoras/es (...). Ouvir é, nesse sentido, o ato de autorização em direção à/ao falante. Alguém pode falar (somente) quando sua voz é ouvida. Nessa dialética, aquelas/es que são ouvidas/os são também aquelas/es que ‘pertencem’. E aquelas/es que não são ouvidas/os se tornam aquelas/es que ‘não pertencem’ (KILOMBA, 2019, pp. 42-43)

Escrever: ato político de tornar-se “a narradora e a escritora da minha própria realidade, a autora e a autoridade na minha própria história” (KILOMBA, 2019, p. 28). Dessa maneira, escrever é interromper o projeto colonialista.

O livro: “A combinação dessas duas palavras, ‘plantação’ e ‘memória’, descreve o racismo cotidiano não apenas como a reencenação de um passado colonial, mas também como uma realidade traumática, que tem sido negligenciada

II. QUEM PODE FALAR?

II.I. “Pode o subalterno falar?”

Inicia a partir da recuperação do título emblemático do livro de Gayatri Chakravorty Spivak, *Pode a subalterna falar?* (*Can the subaltern speak?*), para contestar quaisquer argumentos que naturalizem no sujeito negro a incapacidade de questionar e combater o discurso de dominação branca.

Kilomba, não obstante, concorda com Spivak: “ela não está se referindo ao ato de falar em si; não significa que nós não conseguimos articular a fala ou que não podemos falar em nosso próprio nome. A teórica, em vez disso, refere-se à dificuldade de falar dentro do regime repressivo do colonialismo e do racismo” (KILOMBA, 2019, p. 47). “Spivak alerta as/os críticas/os pós-coloniais contra a romantização dos sujeitos resistentes. Ela leva a sério o desejo de intelectuais pós-coloniais de enfatizar a opressão e viabilizar as perspectivas dos grupos oprimidos. Não obstante, seu objetivo é desafiar a simples suposição de que podemos recuperar o ponto de vista da subalterna. A própria ausência (no centro) da voz da/o colonizada/o pode ser lida como emblemática da dificuldade de recuperar tal voz, e como a confirmação de que não há espaço onde colonizadas/os podem falar” (KILOMBA, 2019, p. 49).

II.II. Conhecimento e o mito do UNIVERSAL

Kilomba vai demonstrar, a partir da noção de “fala”, que a “conceitos de conhecimento, erudição e ciência estão intrinsecamente ligados ao poder e à autoridade racial” (KILOMBA, 2019, p. 50).

“Silenciosos não porque não conseguem articular suas vozes ou línguas, mas sim porque não possuem aquele conhecimento. Quem sabe o quê? Quem não sabe? E por quê?” (KILOMBA, 2019, p. 50).

> “[Sethe] O professor estava ensinando coisas que a gente não podia aprender. Eu não ligava a mínima para a fita métrica. Todo mundo ria daquilo – menos Seiso. Ele não ria de nada. Mas eu não ligava. O professor enrolou aquela fita na minha cabeça toda, no meu nariz, no meu traseiro. Contou meus dentes. Achei que ele era um tonto. E as perguntas que ele fazia era a maior bobagem” (MORRISON, 2018, p. 257).

O centro acadêmico “não é um local neutro. Ele é um espaço branco onde o privilégio de fala tem sido negado para as pessoas negras” (p. 50).

> “Grupos raciais minoritários podem ter direitos iguais aos grupos raciais dominantes, porém isso não significa que eles terão acesso a condições materiais necessárias para o gozo deles em função do tratamento discriminatório que podem sofrer dentro e por meio de muitas instituições que são controladas por pessoas brancas” (MOREIRA, 2019, p. 51).

“Não é que nós não tenhamos falado, o fato é que nossas vozes, graças a um sistema racista, têm sido sistematicamente desqualificadas, consideradas conhecimento inválido; ou então representadas por pessoas brancas que, ironicamente, tornam-se ‘especialistas’ em nossa cultura, e mesmo em nós” (KILOMBA, 2019, p. 51).

> “[Sethe] (...) mas o professor bateu nele [Seiso] mesmo assim para mostrar que as definições pertencem aos definidores – não aos definidos” (MORRISON, 2018, p. 255).

Há uma epistemologia voltada a excluir o negro do conhecimento, enquanto sujeito, para mantê-lo, ainda, sob a perspectiva do objeto.

> “O estabelecimento de um grupo racial como parâmetro cultural universal permite que as características de seus membros, sejam elas reais ou imaginadas, possam ser institucionalizadas por meio da construção da identidade desse grupo como expressão única da humanidade” (MOREIRA, 2019, p. 55).

II.III. Conhecimento e o mito da OBJETIVIDADE

Assimetria no acesso que os grupos têm a recursos necessários para implementar suas próprias vozes.

A **universalidade** é uma categoria que legitima qual “verdade” é “válida”: “(...) o que encontramos na academia não é uma verdade objetiva científica, mas sim o resultado de relações desiguais de poder de ‘raça’” (KILOMBA, 2019, p. 53).

“A ciência não é, nesse sentido, um simples estudo apolítico da verdade, mas a reprodução de relações raciais de poder que ditam o que deve ser considerado verdadeiro e em que acreditar. Os temas, paradigmas e metodologias do academicismo tradicional – a chamada **epistemologia** – refletem não um espaço heterogêneo para a teorização, mas sim os interesses políticos específicos da sociedade branca” (KILOMBA, 2019, p. 54).

> “[Professor] Falei para você colocar as características humanas dela à esquerda; as animais à direita. E não esqueça de alinhar todas” (MORRISON, 2018, p. 259).

> “[Professor] (...) uma pequena liberdade imposta a pessoas que precisavam de toda orientação e cuidado no mundo para mantê-las longe da vida canibal que preferiam” (MORRISON, 2018, p. 207).

Quem define quais perguntas devem ser feitas? Quem as está perguntando? Quem as está explicando? E para quem as respostas são direcionadas?

“Devido ao racismo, pessoas negras experimentam uma realidade diferente das brancas e, portanto, questionamos, interpretamos e avaliamos essa realidade de maneira diferente” (KILOMBA, 2019, p. 54).

II.IV. Conhecimento e o mito da NEUTRALIDADE

“’Você interpreta demais’, disse uma colega. ‘Você deve achar que é a rainha da interpretação’. Tais comentários revelam o controle interminável sobre a voz do sujeito negro e o anseio de governar e comandar como nós nos aproximamos e interpretamos a realidade” (KILOMBA, 2019, p. 55).

- Distorções da verdade (“interpretação demais”, “extrapolando as normas da epistemologia tradicional, “produzindo conhecimento inválido”, “ilusões”);
- Hierarquia do lugar de fala (“rainha” x “plebe”, branquitude x negritude, “estar no lugar” x “estar fora do lugar”).

“No racismo, corpos negros são construídos como corpos impróprios, como corpos que estão ‘fora do lugar’ e, por essa razão, corpos que não podem pertencer. Corpos brancos, ao contrário, são construídos como próprios, são corpos que estão ‘no lugar’, ‘em casa’, corpos que sempre pertencem. Eles pertencem a todos os lugares: na Europa, na África, no norte, no sul, leste, oeste, no centro, bem como na periferia” (KILOMBA, 2019, p. 56).

> “Qualquer forma de pensar sempre é vista como irracional pelo modelo histórico de outra forma de pensar, que vê a si mesmo como racional” (ECO, 2012, p. 30)

II.V. Discursos marginais – dor, decepção e raiva

Por uma epistemologia que “inclua o pessoal e o subjetivo como parte do discurso acadêmico, pois todas/os nós falamos de um tempo e lugar específicos, de uma história e uma realidade específicas – não há discursos neutros” (KILOMBA, 2019, p. 58).

“Quando acadêmicas/os brancas/os afirmam ter um discurso neutro e objetivo, não estão reconhecendo o fato de que elas e eles também escrevem de um lugar específico que, naturalmente, não é neutro nem objetivo ou universal, mas dominante. É um lugar de poder” (KILOMBA, 2019, p. 58).

“(...) a teoria está sempre posicionada em algum lugar e é sempre escrita por alguém” (KILOMBA, 2019, p. 58).

Colocar o discurso dentro da própria realidade, para transformar “as configurações do conhecimento e do poder em prol da abertura de novos espaços para a teorização e para a prática” (KILOMBA, 2019, p. 59).

“Quando produzimos conhecimento (...), nossos discursos incorporam não apenas palavras de luta, mas também de dor – a dor da opressão” (KILOMBA, 2019, p. 59).

Experiência dificultosa de Grada para ingressar no doutorado na universidade alemã: “meu corpo não foi lido como um corpo acadêmico”, “um espaço que minha pele não permitia” (KILOMBA, 2019, p. 62).

“A capacidade que os corpos brancos têm de se mover livremente naquele recinto resulta do fato de eles estarem sempre ‘no lugar’ – na não marcação da branquitude (...). A negritude, por outro lado, é significativa pela marcação. Eu sou marcada como diferente e incompetente: diferente – ‘Você não é daqui’ –, incompetente – ‘somente para estudantes universitárias/os’ – , e assim imobilizada – ‘Você tem certeza de que quer se registrar como aluna do doutorado?’” (KILOMBA, 2019, p. 62).

> “Que qualquer branco podia pegar todo o seu ser para fazer qualquer coisa que lhe viesse à mente. Não apenas trabalhar, matar ou aleijar, mas sujar também. Sujar a tal ponto que não era possível mais gostar de si mesmo. Sujar a tal ponto que a pessoa esquecia quem era e não conseguia pensar nisso” (MORRISON, 2018, p. 333)

II.VI. DESCOLONIZANDO o conhecimento

“Que ótima maneira de colonizar, isto é, ensinar colonizadas/os a falar e escrever a partir da perspectiva do colonizador” (KILOMA, 2019, p. 65).

“(...) a exigência de que a/o oprimida/o seja obrigada/o a prover um discurso confortável, muitas vezes muda ‘o significado do nosso ideal e trabalha para elevar as ideias dos grupos dominantes’ (...). Assim, o conforto parece como uma forma de regulação dos discursos marginalizados” (KILOMBA, 2019, pp. 65 e 66).

II.VIII. A MARGEM e o centro

“Estar na margem (...) é ser parte do todo, mas fora do corpo principal” (KILOMBA, 2019, p. 67). É no contexto da marginalização que negras e negros desenvolvem uma maneira particular de ver a realidade (de fora pra dentro e de dentro para fora).

“a margem se configura como um ‘espaço de abertura radical’ (...) de criatividade, onde novos discursos críticos se dão. É aqui que as fronteiras opressivas estabelecidas por categorias como ‘raça’, ‘gênero’, ‘sexualidade’ e dominação de classe são questionadas, desafiadas e descontruídas” (KILOMBA, 2019, p. 68).

“Neste espaço crítico, ‘podemos imaginar perguntas que não poderiam ter sido imaginadas antes; podemos fazer perguntas que talvez não fossem feitas antes’ (...), perguntas que desafiam a autoridade colonial do centro e os discursos hegemônicos dentro dele” (KILOMBA, 2019, p. 68).

“(...) a margem é um local que nutre nossa capacidade de resistir à opressão, de transformar e de imaginar mundos alternativos e novos discursos” (KILOMBA, 2019, p. 68).

Perigo de ROMANTIZAR A OPRESSÃO, ao valorizar a criatividade produzida na margem. Mas este, em verdade, é um exercício de “reconhecimento da margem como posição complexa que incorpora mais de um local. A margem é tanto um local de repressão quanto um local de resistência” (KILOMBA, 2019, p. 68).

REFERÊNCIAS

ECO, Umberto. Interpretação e história. **Interpretação e superinterpretação**. Trad. MF. São Paulo: Martins Fontes, 2012.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação** – Episódios de racismo cotidiano. Trad. Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

MOREIRA, Adilson. **Racismo recreativo**. Rio de Janeiro: Pólen, 2019.

MORRISON, Toni. **Amada**. Trad. José Rubens Siqueira. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.